

# MATEM OS BANDIDOS ARMADOS NÃO LHE DÊEM TRÉGUAS

— Presidente Samora Machel num comício popular ontem realizado na Manhica

por Mário Ferro (texto) e Azarias Inguane (fotos)

N. 25/12/84  
p.1

O Presidente Samora Machel declarou ontem, na Manhica, perante 10 mil pessoas, que o combate aos bandidos armados tem de ser implacável e não pode dar lugar a vacilações, nem a hesitações. O Chefe do Estado deu a entender claramente que a política de clemência do Partido Frelimo tem limites e que a paciência do povo está a esgotar-se.

«Não lhes dêem tréguas. Matem os bandidos armados. Não os capturem. Matem os bandidos armados» — afirmou o Presidente Samora Machel, quando dirigia o comício popular na sede do distrito da Manhica — o mais populoso da província do Maputo, com 160 mil habitantes.

A expressão mais elevada deste comício foi, sem dúvida, o ódio que o povo tem aos bandidos armados. E esse ódio ficou bem patente na imagem que cada um pode recolher, e na sensibilidade que cada um tem para os grandes problemas da Pátria, quando uma dúzia de bandidos armados — criminosos sem escrúpulos, bandoleiros sem pátria — foi apresentada

O Presidente Samora Machel chegou à Manhica cerca das 11.30 horas. Viajava acompanhado por Joaquim Chissano, Ministro dos Negócios Estrangeiros, pelo Tenente-General Armando Panguene, Vice-Ministro da Defesa e Comissário Político Nacional das Forças Armadas, por Júlio Carrilho, Ministro da Construção e Águas, por Pascoal Mocumbi, Ministro da Saúde, por Ângelo Chichava, Secretário do Estado da Aviação Civil e por outros dirigentes do Partido Frelimo do Estado.

A chegada foi cumprimentada pelo Tenente-General José Moiane, Governador da Província do Maputo, e pelo Administrador do Distrito da Manhica, e por membros do Comité Provincial e do Governo Provincial do Maputo.

Samora Machel foi saudado calorosa e entusiasticamente por milhares de pessoas, tendo um grupo de continuadores oferecido ramos de flores não só ao Presidente, como aos membros da comitiva.

Cerca das 13 horas, teve início o comício popular, no campo de futebol da localidade-sede do Distrito da Manhica. Durante quase três horas, o líder da Revolução moçambicana falou sobre a conspiração internacional contra a República Popular de Moçambique, as suas origens e efeitos.

## OS MESMOS INIMIGOS

Os inimigos de ontem, aqueles que se opunham de armas na mão à luta pela Independência Nacional, são os

mesmos que hoje, na África do Sul e em Portugal, instigam os moçambicanos ao crime, ao terrorismo e à sabotagem. Esta uma síntese da longa explicação fornecida por Samora Machel à população da Manhica sobre o banditismo armado.

Os inimigos do povo foram os colonialistas; foram os colonos que, proclamada a Independência Nacional, perderam o resultado da exploração e opressão de dezenas de anos e fugiram para a ex-Rodésia, para a África do Sul e, também, para Portugal.

Samora Machel afirmou que é importante recordar o passado. O que éramos antes da independência, antes de a FRELIMO pegar em armas e lutar pela independência.

à multidão. Ódio expresso por palavras e gestos, nas frases proferidas, nas canções e danças interpretadas.

«Estamos preparados para lutar contra os bandidos armados. Estamos à espera das armas» — ouviu-se entre a multidão uma voz de mulher, senhora de meia idade, corpo envolto numa capulana de cor sumida pelo tempo, camponesa de mãos calejadas, cujo rosto vincado pelas rugas de um passado de exploração e opressão, mais não era que o símbolo da vontade feita desejo de ser livre.

«Vamos mandar-vos instrutores e armas. Para a Manhica, para Marracuene, para todo o lado. Vamos combater os bandidos armados. O nosso cobertor foi invadido por piolhos e lêndeas. Vamos caçá-los nas estradas e nos machimbombos, nas linhas férreas e nos comboios. Matem os bandidos armados» — disse o Presidente Samora Machel em resposta ao pedido formulado.

— «É bom ter sempre presente de onde viemos e o que fazíamos. É bom saber quantos séculos, quantos anos, quantos meses, quantas semanas, quantos dias, quantas horas levámos para chegar à independência, para sermos hoje o que somos» — disse o Presidente.

O Chefe do Estado recordou a tarefa que cada moçambicano patriota tem na presente fase do combate. Se, por um lado, é necessário produzir nas machambas e nas fábricas, nas empresas e nos hospitais, nas escolas e nas cooperativas, por outro lado temos a responsabilidade de defender a nossa terra, a vida de cada um de nós.

— «Temos a responsabilidade de defender a nossa independência, o nosso Governo. Temos a responsabilidade de defender a Frelimo. Temos a res-

ponsabilidade de desenvolver o nosso País. Mas, para que cumpramos essa responsabilidade, é preciso que matem. E vamos matar» — disse o Presidente Samora Machel.

— «A nossa bandeira jamais descerá. A nossa Pátria é uma Pátria de Heróis. É uma Pátria de trabalhadores» — afirmou o Chefe do Estado a certa altura da sua intervenção.

## O QUE É A MANHICA

A maioria da população da Manhica dedica-se à agricultura de subsistência, produzindo entre outras culturas, o milho, a batata-doce, a mandioca, o arroz, o amendoim e o feijão. Também se dedica à criação de gado bovino, suíno e caprino.

No sector empresarial estratégico, existem os complexos açucareiros da MARAGRA e de Incomati que, no conjunto, têm uma capacidade de produção instalada da ordem das 45 mil toneladas. Além disso, existe no distrito a Machamba Estatal «16 de Junho», que se dedica à produção de citrinos para exportação.

O movimento cooperativo abrange já todas as localidades do distrito, segundo uma informação oficial. Neste momento, funcionam as associações em várias etapas de desenvolvimento.

Quanto ao sector empresarial privado, destaca-se a produção de carne, leite e de lacticínios, bem como a da banana, dos cereais e dos hortícolas. Também se dedica à produção de instrumentos agrícolas, à moagem de milho e ao descasque do arroz.